

FLORES DE INVERNO – PARTE 1

Quando se conheceram tornaram-se amantes. Chovia imensamente sobre o chão em Vila Nova. O imenso aqui é curto, são pequenos trovões e bagos que se jogam a terra em fileiras acanhadas. O caos impercetível levou-a a um pedaço de pedra, em que custou-lhe jurar, nem em fragmentos nem em deus nos acuda, tão pouco lembrar-se da voz de Custódio passados seis meses desde que foi levado à óbito. Nem o som do riso, nem as linhas da palma, nem o desenho fugaz que faziam os olhos quando tímido aconchegava algum tipo de medo ou palidez.

Em pedra qualquer, atirada ao monte e chuva, Clarice jurou, a custo de afundar-se, perder o encanto do luto ao perderem-se o riso, as linhas das mãos e a timidez. Quando jurava, ostentou-se entre ventos e telhados húmidos, um farfalhar que ninguém lhe esperava o atrevimento, já brusco, já em cima do medo e espanto, já o ombro erguia-se do moribundo, já tarde e já, entretanto, encapsulada a impenetrabilidade em abismo.

Um homem mais novo que ela. Chamava-se Evaristo. De óculos quadrados com um remendo na ponta, pele de mulato, a barba a crescer-lhe em desarranjo na zona fronteira com a mandíbula, uma voz cava, profunda, um sorriso vulgar, olhos de mel. Tinha um gesto de fazer com as mãos sempre que falasse de si. Mentira o sobrenome, mentira que escreveu para jornais quando ainda vivia em São-Tomé com os avós paternos. Clarice mentira que se importava com os pingos de chuva a lhe molharem os pés.

Como te chamas mesmo? Tornou a encapotar Evaristo. Clarice, (respondeu-lhe).

A seguir, falou horas e horas sobre as eleições no Brasil e o império nas Arábias. Supunha que lhe dava ar mais chique, imponente e que lhe dava mais idade em alguma medida. Afastou-se porém, ofertando a capa impermeável aos ombros de Clarice. Os ombros deixaram-se estar. E agradou-se por mentir a primeira vez, soube bem ao que lhe deu a entender.

Foi então que Evaristo se dava conta... tão bela mulher de seios tão vividos e prontos, esculpido nesta magreza de decote bege e tudo, tão contida no que poupa e fala, a sentar-se numa pedra ao relento do parque quando o susto a tomou e arregalou desapercibida. Quem é que a toma em estupefação de modo similar?

Enquanto Clarice escrutina o que vai falando, Evaristo a interrompe para sorrir e estender o indicador no longe em que pairam as sandálias roxas, apartadas inclusive da pedra e poderá dizer-se que das águas do céu. Faz graças de a ir recolher, pois a ingenuidade importuna ingenuidades em despropósito. Correu. Clarice julgou assustar-se. Entretanto o seguiu em passos pouco delirantes ou frenéticos, juntou ainda tempo para cheirar a pele e ajeitar a ponta do cabelo em tímido gesto. Ao chegar, beijou a boca de Evaristo. Fizeram amor duas vezes.

Quando acordou do sono, havia um pedaço de passado, em naco do tamanho e cor duma nuvem em espuma, que ficara para trás e jamais há de voltar a ter. Clarice ainda lá

estava, quando o novo presente lhe trazia novos questionamentos naturalmente.

O que fazem tantas flores emolduradas em volta deste penhasco? Era um obituário. Clarice matara um homem. Santo Deus, que pecado, dá-me misericórdia, um homem morto e a pureza da carne no seu entrelaçar mais profundo.

Evaristo balbuciou coisas que nem a ele chegou a fazer som, pouco tempo teve, a poder sabe-se lá do quê, de levar a mão à boca, ou de estranhar, ou de pôr-se em fuga como é comum, por essas imediações, de se ver, raros são os casos em que se morre um homem e o homem vivo, vivo se mantém, salvo seja se aos arremessos desce da cruz e ora, salvo está quando o mundo é mundo e o pode tocar.

E o cinzento lá ia se embrulhando todo, chovia com cada vez menos intensidade. Do pouco que sobra, só um louco solitário sente, quando em cego impulso, fareja por um ruído que seja. Solitários estavam um e outro, farejando os restos com que se fabricam lágrimas celestiais, as recolhendo e pondo, e ao vento fugazes encontros, e num sopro o sentimento que cresce, e se ambos inventam e creem, o imaterial ganha vida, e se respira existe, e se paira pouco se questiona, e no silêncio a verdade das coisas e do que somos em instantes de gelo, a fé como teto e porta o qual nos abriga, o nada revestido em camadas e couro, revestido de alma e ternura, às tantas chora-se sem o olhar, às tantas a complacência, Deus viu e Evaristo sentou-se como quem faz a reza, e então, só agora falou.

E tudo isto, o que é?

Queria eu que todas as flores fossem em meu nome,
fossem minhas

(silêncio... uma tosse constrangida)

E de quem são as flores, afinal?

Eram minhas por direito, (disse sem se mover)

mas quando se morre, você sabe como são as coisas. Vira-se tudo do avesso, inventam-se cruzeiros e relento, as flores passam a ser de quem parte desta, mesmo que se tenha ido tendo um péssimo gosto

Do que falas?

Das flores, disse Clarice. E então Evaristo retirou-se...

Setúbal, 2022 – Viagem para Lisboa

“Fui ao Vale da Amoreira em véspera natalícia. É como se tivesse voltado à Terra Nova, em Luanda. À minha infância, a um solo do qual um homem nunca se desprende. Uma tia mulata: metade africana metade europeia. Uns primos numa cor diferente da minha. Um amor que daí nasceu e até hoje vive e sorri, como flor.

O Natal foi alegre. No dia seguinte, acordei às pressas e fui-me embora. Talvez fosse medo, medo de que aquilo durasse e com a largura do tempo, o fascínio pelas flores se perdesse algures no Tejo. Adeus!”

E quando Evaristo voltou, trazia nos braços mantas e uma chave de carro. A mulher sentava-se num pedaço de chão

com pouca intenção de pôr-se em pé. Aí à deriva, sem se compreender a si por tão pouco enxergar seu reflexo no luar ao pé do mar, fingiu que fixava o olhar em sincero desejo à figura do homem, em completo destroço, numa parte, intransmissivelmente sua, a qual se veste de fragilidade, porém, olhava o nada e puramente o ego do que se sente e se cala pela sombra e pedra da qual somos feitos.

Ao mesmo tempo que abriu as pernas, foi retirando uma a uma as rosas e flores que preenchem o penhasco inteiro. Evaristo suspira, não do cansaço do inexistente peso ou do brusco espanto que se pudesse de imediato colher, mas da beleza, do resplandecer, do encanto. Suspira como quem é parte de um parto e renasce a ser tomado pela brisa que a nós vem ter em primeiro toque. Já não sabe do que é feito das chaves de carro ou das mantas que tinha em mãos, ou da pequena bolsa com frutos e mantimentos para daí há uns dias, ou o fecho das calças, ou a camisa e meias, ou a alma ou o espírito que lhe foi roubado de empréstimo. Sabe das flores e pouco sabe. Sabe de si e pouco reconhece e decifra. As flores se acabam e desnudam o corpo falecido de Custódio aí sem ânimo ou expressões.

E é quando Clarice o toma nos braços, abana-o e este recusa-se a despertar dos sonhos e nuvens, a dormência imanente se mistura com o odor dos corpos, que se mescla num desejo, ternura e tormento. Fizeram amor duas vezes. Eram amantes sem medos. Era um obituário e pouco ou nada chovia. Arrumaram as coisas e o corpo de Custódio estava na mala de um carro. Foram-se embora de Vila

Nova. Passaram três meses. Morreram três homens,
entretanto.